

PROJETO PIRAYAWARA

Programa de Formação de Professores do Magistério Indígena no Estado
do Amazonas

Tema: A Festa dos *Matses* com Espíritos Cantadores (*Cuëdênquido*)



Aldeia: Soles- Atalaia do Norte 2014

PROJETO PIRAYAWARA

**Programa de Formação de Professores do Magistério Indígena no Estado
do Amazona**

NOME: Raimundo Mean Mayuruna

ETNIA: Matses “Mayuruna”

CLÃ: Macubo (lagartas)

ALDEIA: Soles

ESCOLA: Indígena Soles

LOCALIDADE: Rio Jaquirana- TI Vale do Javari

MUNICIPIO: Atalaia do Norte

Aldeia: Soles- Atalaia do Norte - 2014

Sumário

Introdução	4
Objetivo Geral	5
Objetivos específicos	5
Justificativa.....	6
O primeiro aparecimento dos <i>Cuëdënquido</i> no meio dos <i>Matses</i>	7
1.1 Segunda versão do primeiro aparecimento dos <i>Cuëdënquido</i>	10
1.2 Os Castigos físicos que os <i>Cuëdënquido</i> aplicavam nos <i>Matses</i>	13
2- O Primeiro desaparecimento dos <i>Cuëdënquido</i> entre os <i>Matses</i>	15
2.2 A fase de transformação física e de reconhecimento de jovens <i>Matses</i> pelos <i>Cuëdënquido</i>	21
3.0 Trazida de jovens depois do reconhecimento.....	23
3.1 A inversão da festa <i>Matses</i> e os <i>Cuëdënquido</i>	25
4.0 Seres ou espíritos do comoc, com outros deveres	27
4.1 Mapidequid ou Aquequid.	28
4.2 – os Mayu, outro povo.	31
5.1- Os <i>Masquë</i>	34
5.2- <i>Dataniadquid</i>	36
6.0 Ultimo desaparecimento dos <i>Cuëdënquido</i> depois do contato com os brancos.....	38
Conclusão	42

Introdução

O seguinte trabalho de pesquisa relatará uma festa ou ritual que os *Matses*¹ de antigamente realizavam, mas com o transcorrer do tempo pararam de praticar essa cerimônia ou ritual surreal desse povo.

Esse ritual era realizado com muito cuidado porque era muito perigoso para crianças menores de dez anos de idade e para as mulheres, e eles eram totalmente proibidos de ver os *Cuëdênquido* sem capa.

Os homens de doze anos para cima tinham o contato e convivência livre e as mulheres tinham maneira de aproximar esses seres chamados *Cuëdênquido*. Essa história será aprofundada adiante no desenvolvimento com mais detalhes; vai parecer uma lenda ou um mito, mas é real tudo que os *Matses* viveram no seu dia-dia.

Esse ritual não é mais realizado nas comunidades *Matses*. Até depois do contato era realizado, mas os *Cuëdênquido* foram vistos pela mulher, sem capa, o que era totalmente proibido, e com isso eles agiram violentamente batendo na mulher que viu e seu marido que a levou nesse lugar.

Os velhos dizem que eles se tornaram muito mais perigosos do que antes, por terem sido vistos por uma mulher, e é por isso que hoje em dia não podemos chamar esses seres, que são seres sobrenaturais e muito perigosos.

Também tinham cinco grupos diferentes dos *Cuëdênquido*. Primeiro era *Cuëdênquido* cantadores, *Mayu* outro povo, *Uedede* maluquinho, *Mapi-dequid* cabeça, *Masquë* baixinho e *Dataniadquid* que enrolava todo corpo com a envira de *comoc*. Todos eles tinham os mesmos poderes sobrenaturais, mas diferentes deveres. Cada um desses grupos tinha seus papéis. Havia um *Matses* responsável por chamar cada um desses quando precisavam da ajuda deles.

¹ - como se autodenominam os Mayuruna, que na língua Matsés significa gente.

Objetivo Geral

- Contribuir com os mais velhos na oralidade e na escrita e também transformar a pesquisa em livro para que esse ritual que os *Matses* realizavam sempre seja lembrado pelas novas gerações do nosso povo.

Objetivos específicos

- Escrever a história sobre os *Cuëdênquido*, com a contribuição dos mais velhos.
- Realizar palestra dentro da escola juntamente com os mais velhos sobre os *Cuëdênquido*.
- Elaborar a cartilha sobre essa história, para ser usado nas escolas Matses ou em outras escolas.

Justificativa

Escrevo essa história dos *Cuëdênquido* (os espíritos cantadores) a partir da pesquisa que fiz para conhecer melhor a história, que ouvia desde a infância.

Para relatar estes fatos, procurei as pessoas que vivenciaram a festa. Algumas pessoas tiveram medo de contar essa história, mas sensibilizaram-se com a importância e objetivo da pesquisa.

Os *Matses* tiveram o contato com os seres chamados *Cuëdênquido* que eram os espíritos ou talvez um ser desconhecido que ainda pode existir no mundo, um ser invisível que eles somente viam quando faziam a capa da envira da árvore *comoc*.

A intenção da realização desse trabalho foi para entender a história, quem era esses seres, onde eles viviam, quais poderes tinham, porque e para que os *Matses* realizavam o ritual com os *Cuëdênquido*. Também para saber a importância da festa, não só para entender a importância, mas também para deixar registrada nesta nova ferramenta que é a escrita uma festa que os *Matses* realizavam.

A razão que me levou a escolher esse tema foi para registrar por escrito o ritual que os *Matses* realizavam e que hoje só é contado oralmente, para que as novas gerações tenham o conhecimento ou acesso através da escrita. Os jovens de hoje não estão interessando em aprender as histórias, e vi que era importante investigar para registrar através da escrita para facilitar na aprendizagem dos jovens.

Essa pesquisa foi feita com a intenção de colaborar com as escolas *Matses* no estudo da história, assim incentivar os jovens para que no futuro eles sejam novos autores da nossa história e valorizar os mais velhos.

O primeiro aparecimento dos *Cuëdënquido* no meio dos *Matses*.

Nesse primeiro capítulo dessa história, relato duas versões que encontrei sobre como surgiram ou apareceram os *Cuëdënquido* pela primeira vez no meio dos *Matses*. Uma versão é do Pedro *Tëca* da aldeia Soles – localizada no rio Jaquirana na margem direita. A outra é do Jose *Tumi* da aldeia São Meireles – localizada também no rio Jaquirana na margem direita, ele é mais velho de que Pedro *Tëca*. Mas nos outros capítulos são sempre as mesmas versões.

Muito tempo atrás os *Matses* não conheciam esses seres, os *Cuëdënquido*, um dia um deles apareceu batendo no tronco de uma árvore para chamar a atenção dos *Matses* e depois foi conversar e disse para os *Matses* que eles queriam fazer a festa com eles e trazer o bicho preguiça. Os *Matses* concordaram. Depois dessa conversa e do acordo, os *Cuëdënquido* pediram para os *Matses* fazerem uma capa para eles vestirem durante a festa, isto para não serem visto pelas mulheres e crianças menores de dez anos, pois isso é uma regra que deve ser levada em conta.

No dia seguinte os *Matses* saíram para preparar a capa, conforme dito. No primeiro dia dessa experiência, as capas não saíram bem feitas e os *Cuëdënquido* não gostaram e castigaram os *Matses*. A primeira capa foi feita de envira de árvore *tote-piu*, que não durava muito após ser usada várias vezes.

Cada pessoa tinha seu *Cuëdënquido* que era chamado de *noshman* (irmão, na língua dos *Cuëdënquido*). Cada um fazia a capa do seu *noshman*. Segundo os velhos dizem que eles eram parecidos com seu *noshman Matses*. Assim os *Matses* faziam a festa com os *Cuëdënquido* todos felizes cantando e trazendo a preguiça, mas tinham o contato diariamente com eles.

Todos os dias os *Matses* tinham o contato com os *Cuëdênquido*, fora da maloca, principalmente onde eles preparavam a capa de envira de *como*, e na maloca somente na casa de concentração onde eles conversavam e inalavam o rapé - é uma espécie de pó feito de folha de tabaco. Essa casa era separada da maloca principal numa distância de trinta metros, exatamente para evitar que eles não sejam vistos pelas mulheres e nem as crianças, somente os homens jovens e velhos tinham esse contato diário e livre. Para as mulheres e crianças era totalmente proibido de ver sem a capa, esta parte será descrita mais tarde.

Esse ritual dos *Cuëdênquido* e dos *Matses* era temporário, os *Matses* chamavam os *Cuëdênquido* só quando eles queriam conviver com eles. Para chamar os *Cuëdênquido* precisava construir uma maloca enorme, com salão e outra para guardar as capas ou enfeites que os *Cuëdênquido* usavam para entrar na maloca. Para entrar na maloca e ficar na frente das mulheres e crianças eles vestiam a capa de envira assim eles ficavam a vontade.

Antes usavam outra capa. Depois de usar a capa de *tote-piu* por algum tempo, os *Cuëdênquido* perceberam que ela estragava fácil, e então passaram a usar a envira de uma árvore que chamamos de *comoc*. Foram os próprios os *Cuëdênquido* que mostrou como se tira a envira de árvore *comoc*. Deste então passou a usar a envira do *comoc* para fazer a capa.

Com a árvore *comoc*, os *Cuëdênquido* se tornaram mais perigosos ainda, com qualquer coisa. Com a capa mal feita os *Matses* eram castigados fisicamente. As crianças não podiam topar nos pedaços desta envira senão adoeceriam e morreriam vomitando a semente de urucum, carvão e de jenipapo.

O *comoc* e a árvore mais respeitada do nosso povo. Nós não podemos topar ou mexer nela porque ela ainda continua sendo a árvore dos *Cuëdênquido*, que é o dono desse *comoc*. Se hoje em dia agente mexesse ou tirasse a envira, nós ou alguém das nossas famílias poderia adoecer e até morrer. Também pode acontecer de ter a visagem assustadora ou pessoa fica inconsciente, correndo para o mato, ficando incontrolável. Hoje em dia isso acontece muito em quem mexe no *comoc*. (Depoimento de Pedro Teca 75 anos morador da aldeia Soles)

No primeiro encontro depois que eles conversaram, os *Cuëdënquido* levaram todos os homens de quinze anos de idade em diante e os adultos de até de cinquenta anos de idade, para eles se tornarem conhecidos e também se tornarem homens completos, capazes de suportar todas as dificuldades que vier pela frente e também para ter contato direto com os *Cuëdënquido*. Então os homens passaram vários dias no mato ou na casa dos *Cuëdënquido*. A casa dos *Cuëdënquido* fica embaixo da terra, segundo os velhos. Lá é igual aqui na terra, como a floresta, os animais e as águas. Tudo que tem na terra lá eles tinham. É lá que eles levavam os jovens para serem reconhecidos. Eles também são os donos do *comoc*.

Quando os *Cuëdënquido* levaram os homens, somente as mulheres e crianças menores de doze anos ficavam na casa dos *Matses*. Também alguns homens mais velhos ficavam na maloca, porque os *Cuëdënquido* deixou para trabalhar fazendo as capas necessárias para trazer de volta os outros que foram levados. Senão fizessem isso, eles não trariam de volta os que foram levados. Então os velhos faziam esse trabalho, porque as capas tinham que ser renovadas diariamente. Quando os outros eram levados, aqueles que já passaram por essa fase ou os pais renovavam as capas diariamente para que os *Cuëdënquido* trouxessem de volta os que foram levados.

Depois de passar essa fase eles estavam prontos para servir ou trabalhar para os *Cuëdënquido*, fazer a capa e ter seu próprio *noshman*. Nessa fase os homens passavam fome, frio e também encaravam os animais perigosos como jacaré, sucuri e poraquê. Segundo os velhos dizem, era igual no exército: os jovens na fase de reconhecimento eram muito bem controlados e obedeciam as ordens dos *Cuëdënquido*. Não faziam nada sem a ordem deles e não podiam faltar no trabalho, se faltassem eram castigados. Depois de passar essa fase eles estavam livres para conversar com os *Cuëdënquido*. E conviver com eles em paz sem se preocupar.

Os *Cuëdënquido* possuíam os poderes extraordinários, eram os poderes sobrenaturais. Eles tinham os poderes de manipular os animais e também faziam os seres humanos desacordar e acordar. Também tinham os poderes de ficarem invisíveis, visíveis, fazer feitiço e de curar os doentes. O mais incrível desses poderes eram que conseguiam transcender os *Matses* para outro mundo num piscar de olhos.

1.1 Segunda versão do primeiro aparecimento dos *Cuëdênquido*.

Essa versão é do José *Tumi* ele é uma pessoa mais velha dos *Matses* que guarda muitas histórias.

Ele conta que muito tempo atrás, os *Matses* não conheciam os *Cuëdênquido* e também não sabiam se existiam outros seres. Um dia morreu um homem e foram feitas todas as suas cerimônias. Depois de alguns meses de sua morte ele voltou, não voltou exatamente para viver novamente na terra com suas mulheres e sim com outra missão, com outra cultura, outra língua, totalmente diferente culturalmente, de que quando ele vivia na terra.

Quando ele apareceu, não apareceu diretamente e visivelmente para o público, ele apareceu fora da maloca e no escuro somente com a voz perguntando “[onde estão as minhas mulheres?]” e os *Matses* vivos responderam “elas foram levadas para outra maloca”. Ele disse “eu quero que vocês as chamem para cantar comigo”. E no dia seguinte os *Matses* chamaram as mulheres dele.

No mesmo dia que ele mandou chamar as mulheres dele, ele escolheu os homens que podiam trabalhar fazendo a capa enquanto os outros forem levados. Ele ainda não tinha entrado na maloca. Fora da maloca e no escuro, ele falou para todos os homens se apresentarem para escolher quem podia. Então todos os *Matses* vivos se apresentaram de um por um.

Primeiro as pessoas novas, e *Cuëdênquido* disse que não eles não podiam, e os três mais velhos se apresentaram por último. Os mais velhos

disseram “[e eu?]” e o *Cuëdênquido* disse “sim o senhor pode, é o senhor que vai trabalhar fazendo a capa”. Então somente os três mais velhos da maloca foram escolhidos. O *Cuëdênquido* não aceitou as pessoas novas neste primeiro dia do encontro.

Depois disso estava tudo certo. Quando a mulher dele estava na maloca, todas as pessoas que não foram escolhidas foram levadas para o mato e para a terra deles, para serem conhecidos por outros *Cuëdênquido*. Isso era a primeira fase para os *Matses* serem reconhecidos por todos os *Cuëdênquido*, para que eles não tenham medo deles, nem os *Matses* e nem os *Cuëdênquido*. Os *Matses* que não eram reconhecidos tinham medo dos *Cuëdênquido* e os *Cuëdênquido* também tinham medo dos *Matses*, tudo era invertido.

Então depois de uns mais o menos dois meses fora da maloca e no mato dos *Cuëdênquido* os *Matses* eram trazidos para sua maloca magros, famintos e com marcas de sofrimento. Para eles não importava esse sofrimento só importava que eles tinham aprendido um novo conhecimento e nova cultura com espíritos ou os seres sobrenaturais.

Enquanto os outros sofriam no mundo dos *Cuëdênquido*, os três mais velhos que foram escolhidos para fazer as capas estavam sofrendo fazendo a capa todos os dias sem descanso. Até que os *Cuëdênquido* traziam os outros, aí que os mais velhos descansavam, eram a vez dos outros fazerem a capa para o seu *noshman*.

Depois disso os *Matses* continuaram fazendo a festa com os *Cuëdênquido* por alguns anos. Aí os próprios *Cuëdênquido* que convidaram os *Matses* para fazer a festa começaram a matar as pessoas com seu feitiço. Até que um dia eles enfeitiçaram muita gente, adultos e as crianças. Depois disso eles deixaram a capa que vestiam no galho de uma árvore muito alto o *iuisse*² que ficava perto da maloca. Vendo isso os *Matses* entenderam que era o sinal de raiva que foram eles que tinham enfeitiçado os parentes. Depois disso eles nunca mais apareceram e os *Matses* também não quiseram chamar mais.

Depois de alguns anos que desapareceram, os *Cuëdênquido* apareceram sem ser chamados e mataram os *Matses* com suas lanças

² Iuisse- é uma árvore muito alto e dura conhecida como cumaru é típica de terra firme.

mágicas de ponta de *tiante*³. Mas depois de uma hora os *Matses* que foram mortos acordaram, as feridas sumiram e só havia uma pequena ferida no local onde antes estava a ferida grande.

Segundo o relato de *Tumi* esses primeiros *Cuëdënquido* eram os espíritos dos próprios *Matses* mortos, os espíritos de verdade (*maian*⁴). Esse espírito de verdade é o espírito que sai na hora que a pessoa morre o espírito do corpo (na crença dos *Matses*). Ele fica na terra enquanto outro espírito vai pra longe. O espírito que fica na terra eram esses *Cuëdënquido*.

Na crença dos *Matses* existem quatro tipos de espíritos, do sangue, do olho, do corpo e do coração.

Uma vez meu avô me contou que quando ele estava muito mal quase morrendo, e o irmão dele tinha morrido de picada de cobra, no sonho dele o espírito do irmão dele o mandou ele voltar para a terra, para fazer a capa para ele.

Para nós *Matses* existem quatro tipos de espíritos, espíritos dos olhos, do sangue, do coração e do corpo. Esse espírito de verdade é do corpo, ele é o espírito que vai embora e os outros três podem ficar na terra depois da morte da pessoa. Elas são espíritos do espírito do corpo.

³ Tiante – taboca ou espécie de bambu. Os *Matses* também usam a taboca para fazer a ponta de flechas e a sua furada é fatal.

⁴- *maian* na língua *Matses* alma, espírito ou tudo que não é intocável e um ser sobrenaturais.

1.2 Os Castigos físicos que os Cuädënquido aplicavam nos Matses.



Os Cuëdênquido castigando o homem que bateu na mulher.

Os homens que batiam nas mulheres eram castigados fisicamente e violentamente. Não só quem batia que era castigado. Todos os homens eram culpados, então todos eram castigados e levados para o mato ou na terra deles.

Depois os homens eram trazidos desacordados para casa e depois de alguns minutos os *Cuëdênquido* vinham para acordar. Eles tinham esse poder de fazer as pessoas desacordar e acordar.

Como falei, batiam violentamente, faziam as pessoas sangrar, amarravam os pés e as mãos com pedaços de envira de *comoc* e depois jogavam dentro da maloca como se fosse um bicho morto, ainda traziam desacordados. Mas eles, os *Cuëdênquido*, faziam passar a dor. As pessoas que foram batidas não sentiam a dor de pancadas depois de acordar, ficavam

normal como se não tivesse nada acontecido e não se lembrava de nada o que tinham acontecido com ele.

Podemos dizer que os *Cuëdënquido* eram os defensores das mulheres, eles eram a favor das mulheres. Mesmo assim as mulheres não podiam vê-los sem a capa, senão adoeceriam ou morreriam. A única forma de curar uma mulher assim, seria chamar o *Cuëdënquido* que ela a viu, que fez mal para ela.

Mas os *Cuëdënquido* eram os seres mais perigosos que podemos imaginar. Eles eram perigosos em tudo, porque eram os espíritos e os seres invisíveis, tinham os poderes fortes, poderes sobrenaturais. Eles podiam fazer mal aos *Matses* como quisessem ou até mesmo exterminar. Seus poderes também eram invisíveis.

Não é qualquer um que pegavam para castigar, eram os *Cuëdëquido* do *dauës*⁵ ou do *caniua*⁶. O irmão *Matses* não podia fazer nada para defender a sua irmã, mas o irmão *Cuëdënquido* da mulher ou *Cuëdënquido* do irmão ou do primo defendiam a irmã *Matses*.

Por isso que os homens *Matses* não recusavam de ir, eles iam porque eram os *Cuëdënquido* do *dauës* ou do *caniua*. Se ele recusasse a ir seria levado de qualquer jeito por bem ou por mal, o *Cuëdënquido* não era de muita conversa. Os *Matses* tinham mais respeito com os *caniua* e *dauës*, e tinham, aliás, total liberdade de expressar. Nós temos o respeito e tratamento específico para cada parentesco. Mas com o *dauës* ou *caniua* temos a brincadeira mais livre ou aberta, aliás, sem limites.

2- O Primeiro desaparecimento dos *Cuëdënquido* entre os *Matses*.

Depois do primeiro contato com os *Matses*, os *Cuëdënquido* desapareceram. Voltaram para a sua terra, embaixo da terra. Cada vez eles se

⁵Dauës – na língua dos *Matses*, primo cruzado mais velho ou mesmo casado com nossa irmã.

⁶Canuia – na língua dos *Matses*, o primo cruzado mais novo ou mesmo casado com a nossa irmã.

tornavam mais perigosos em cada encontro. As crianças adoeciam e morriam, porque elas mexiam nos pedaços da envira de *comoc*. Segundo os *Cuëdënquido*, as crianças e as mulheres não podem mexer no *comoc* porque não eram permitido, somente os homens adultos podiam mexer.

Um dia eles ficaram mais raivosos e reclamaram dizendo que foram vistos por uma mulher. No dia seguinte eles mataram crianças e adultos com seus poderes de feitiços. Depois que eles fizeram isso, desapareceram do meio dos *Matses*, desde então nunca mais foram vistos. Quando eles fizeram isso, deixaram as capas penduradas nos galhos da maior árvore da região *iuisse*. Isso era o sinal de raiva e que foram eles que tinham enfeitizado, e que eles não queriam fazer a festa com os *Matses*.

Depois que desapareceram os *Cuëdënquido*, os *Matses* se mudaram várias vezes de um lugar para outro fazendo a roça e caçando. Assim os *Matses* passaram anos sozinhos sem ter o contato com os *Cuëdënquido*. Um dia eles sentiram a falta dos *Cuëdënquido* e resolveram chamar: “Vamos chamar os *Cuëdënquido*, eles nos ajudavam na caçada enquanto agente procurava a caça, eles não deixavam faltar comida em casa quando a gente não achava a caça. Os *Cuëdënquido* traziam as preguiças”.

Depois dessa conversa, os *Matses* se reuniram para construir uma maloca enorme, segundo os velhos dizem, a maloca tinha mais ou menos uns trinta de comprimento e vinte de largura, com quartos e corredor. Quando a maloca estava pronta eles saíram para o mato para chamar os *Cuëdënquido*. Um sentou debaixo de uma árvore grande e chamou em forma de assovio. Mas os *Cuëdënquido* não apareciam e os *Matses* voltaram para maloca, sem os *Cuëdënquido*.

Assim eles viviam sem fazer a festa com os *Cuëdënquido*, mas os *Matses* não desistiram, tentaram várias vezes. Ainda assim eles continuavam se mudando de um lugar para outro. Aonde eles se mudavam, construíam a maloca e tentavam chamar os *Cuëdënquido* e nunca apareciam, em cada mudança que eles faziam tentavam chamar os *Cuëdënquido*. Com muitas tentativas, finalmente conseguiram se reencontrar. Os *Cuëdënquido* vieram batendo no tronco de árvores para dar o sinal que estavam chegando.

Assim que os *Cuëdënquido* apareceram, os *Matses* foram junto com os *Cuëdënquido* para preparar a capa de envira de *comoc* para os *Cuëdënquido*

vestirem. No mesmo dia do reencontro, trouxeram muitas preguiças para a maloca, e depois durante a noite cantaram comendo o que eles trouxeram.

Os *Cuëdênquido* tinham direito de comer um pedaço do que trouxeram. Da preguiça, o pedaço preferido dos *Cuëdênquido* era a cabeça. Se não desse um pedaço ou a cabeça de preguiça eles reclamavam e ficavam com raiva, diziam que não iam mais caçar porque não tinham comido o pedaço ou a cabeça. Dos outros animais eles comiam algumas partes.

Os meninos *Matses* também gostavam e gostam até hoje de comer a cabeça de preguiça, principalmente os meninos, e não só de preguiça mas também de outros animais. Quando o menino queria comer a cabeça da preguiça, a mãe do menino pedia para o *Cuëdênquido* que caçou, para ele não reclamar e ficar com raiva, dizendo que o filho dela queria comer a cabeça e só assim o *Cuëdênquido* deixava o menino comer. Segundo os velhos dizem, os primeiros que apareceram foram os *Cuëdênquido* que ajudavam na caçada, depois vieram os outros quatro. Isso será detalhado mais adiante em outro item.

Depois que se reencontraram, as mulheres e crianças tomaram muito cuidados. Os homens conscientizavam as mulheres para tomar cuidado e também cuidar das crianças para não mexerem nos pedaços de envira de *comoc*.

Os *Cuëdênquido* davam o sinal batendo no tronco de árvore, quando se aproximavam da maloca, então as mulheres chamavam as crianças para dentro da maloca e fechavam a porta. Depois de alguns minutos eles chamavam as mulheres para pegar a preguiça: “*punte*⁷, meu pescoço está quebrando” e as mulheres saíam e pegavam a preguiça dele.

Assim, desde que reapareceram, foi a vez de meus avós continuarem chamando os *Cuëdênquido* para comer a preguiça que eles caçavam.

⁷Punte: mulher, na língua dos *cuëdênquido*.

2.1 Os *Cuëdënquido* e *Matses* de pouco tempo atrás.



A mulher recebendo a preguiça que o *Cuëdênquido* está trazendo o que ela pediu no dia anterior

Neste item será narrado os que meus avôs e meus pais viram e fizeram. Para chamar os *Cuëdênquido*, eles construíram uma maloca enorme, com uns trinta metros de comprimento e vinte cinco de largura, com quartos, corredor e quatro portas, uma em cada ponta e uma em cada lateral. Também construíram outra maloca separada para guardar a capa feita de envira de *comoc*.

Depois que as malocas estavam prontas, eles saíam para chamar os *Cuëdênquido*. No meio do caminho um velho Matses se escondia debaixo de uma árvore e chamava com um assovio. Em alguns minutos os *Cuëdênquido* apareciam, batendo os troncos de árvores para dar o sinal, que estavam chegando.

Depois que os *Cuëdênquido* apareciam, os *Matses* se juntavam com eles para irem preparar a capa, derrubavam o *comoc* e tiravam a envira ou fibra dessa árvore. Depois mediam a altura dos *Cuëdênquido* para tecer a capa, enquanto os *Matses* teciam a capa, os *Cuëdênquido* saiam para caçar a preguiça. Depois eles chegavam um por um trazendo a preguiça onde os *Matses* teciam a capa. Quando a capa estava pronta, saíam todos juntos para chegar à maloca. Os *Cuëdênquido* traziam a preguiça e os *Matses* traziam a capa. Eles vestiam a capa, na verdade se cobriam, somente para entrar na maloca e para ficar perto das mulheres.

Os *Cuëdênquido* traziam os animais vivos. Os bichos que eles mais caçavam eram preguiça, tatu, jacaré, poraquê, arraia, caititu, paca e jabuti. Um velho ficava na maloca para matar os bichos que os *Cuëdênquido* traziam, para as mulheres cozinharem. Eram as mulheres quem pediam esses bichos para os *Cuëdênquido* depois que terminavam de acompanhar a cantoria.

E os *Cuëdênquido* atendiam o pedido das mulheres. Depois que traziam esses bichos os *Cuëdênquido* vinham para a maloca cantar e comer a cabeça de preguiça. Eles tinham costume de comer o pedaço que traziam. Depois que cada um terminava de cantar, a mulher que acompanhava na cantoria perguntava quem ele era. E o *Cuëdênquido* respondia com seu nome e dizia o nome do seu *nosham* para as mulheres saberem. As mulheres tinham esse costume de perguntar o nome e de quem era antes de pedir o bicho.

Eram as mulheres quem acompanhavam na cantoria. O que os *Cuëdênquido* diziam elas repetiam, eles cantavam, dizendo o que eles mataram. Eles entravam um por um para cantar. Somente à noite eles vinham cantar, todos cobertos com a capa de envira de *comoc*. Somente assim as mulheres ficavam perto deles para acompanhar na cantoria.

Para as mulheres era obrigatório acompanhar os *Cuëdênquido* na cantoria, mas elas não podiam vê-los sem capa, senão adoeceriam e morreriam vomitando a semente de jenipapo, urucum e carvão. Com as crianças também poderia acontecer à mesma coisa se elas vissem.

Os *Cuëdênquido* caçavam durante o dia. Enquanto eles caçavam os *Matses* teciam a capa para eles vestirem. À noite eles vinham cantar, cantavam falando sobre todos os bichos e também o que mataram. As mulheres que acompanhavam imitavam, repetindo a frase.

Por isso, que eles defendiam as mulheres. Os homens que batiam nas suas mulheres eram castigados fisicamente, levavam para o mato e traziam desacordados, todos amarrados nos braços e nos pés com envira de comoc e jogavam dentro da maloca como se fosse um bicho morto, segundo os velhos. Somente o *Cuëdênquido* ou *noshman* dos *dauës* ou *caniua* que levavam para castigar o seu *dauës* ou *caniua Matses*, não só quem batia era castigado, mas sim todos os homens, nenhum escapava, eles levavam a força.

Como eu falei *noshman* dos *dauës* ou *caniua* que levavam os *dauës* e *caniua Matses*. Para nós o *dauës* e *cania* são cunhados casado com nossa irmã ou primo cruzado independentemente se é casado com nossa irmã.

Quando morria uma pessoa da maloca independentemente da faixa etária essa festa com os *Cuëdênquido* eram interrompida imediatamente. Paravam tudo, não faziam mais a capa, isso era o sinal de luto. Os *Cuëdênquido* também paravam de vir. Esse momento de luto era muito respeitado tanto pelos *Matses* quanto pelos *Cuëdênquido*. Se continuassem a festa estariam desrespeitando a pessoa falecida e o sentimento da família. Por isso, todos respeitavam o falecido e a família.

Esse momento era muito respeitado pelos *Matses*. Todas as pessoas davam muita força para a família. Choravam todos, também cortavam o cabelo. Ninguém fazia barulho, só era choro de tristeza.

Para voltar a chamar os *Cuëdênquido* novamente levavam meses até se acostumarem com a ausência da pessoa falecida, ninguém chorava mais e todo mundo já estava com o cabelo crescido. Aí eles voltavam chamar os *Cuëdênquido* novamente, não na mesma maloca, mas em outro lugar, em outra maloca. Se fosse à mesma maloca também seria desrespeito ao falecido e à família.

Para os velhos esse momento era muito respeitado. Por que algum dia esse morto vai ser o *Cuëdênquido*. Hoje em dia esse momento não é o mesmo, não tem o mesmo respeito, não tem mais a cerimônia tradicional como choro, corte de cabelo, mudanças de lugar e silêncio.

2.2 A fase de transformação física e de reconhecimento de jovens *Matses* pelos *Cuëdênquido*.

Desenho: professor Goalo Borges Carvalho Mayuruna



Os Cuëdênquido levando os jovens para reconhecimento para sua terra embaixo da terra segundo os velhos.

Como os velhos falam, essas transformações físicas que os Cuëdênquido faziam nos homens eram como no exército. Quando tinham vários jovens com doze anos de idade para frente, o chefe da maloca organizava esse evento de chamar os *Cuëdênquido*: “vamos chamar os *Cuëdênquido* para levar as crianças para crescer porque eles não estão crescendo rápido”. Por isso, eles construíam a maloca e chamavam os *Cuëdênquido*.

Depois que foram chamados, eles levava as crianças e passavam vários dias no mato. Não só no mato da terra, mas também na floresta dos *Cuëdênquido*. Os jovens passavam frio, fome e perigo de serem devorados por algum bicho porque eram deixados sozinhos no mato desconhecido e também no mato da terra. Quando comiam sem permissão deles eram castigados. Eles também faziam os jovens meter a mão na boca do jacaré, sucuri e pegar no poraquê. E também deixavam passar a noite sozinho no mato.

Enquanto isso, os pais trabalhavam todo dia fazendo a capa para que trouxessem os filhos de volta. Todo dia os pais trabalhavam fazendo a capa, para achar envira boa de *comoc*, só com isso os *Cuëdênquido* trariam os seus filhos de volta. Enquanto os pais estavam atrás da envira boa, os filhos continuavam no mato passando a fome, frio e perigo. Existem duas qualidades de envira de *comoc*. A envira que saía fina não trazia os jovens que foram levados. Quando eles achavam a envira boa, que saía larga, eles comemoravam porque finalmente iriam trazer os filhos.

Essa era a fase de transformação de jovens em homens completos, capazes de enfrentar quaisquer fenômenos da natureza. Também, depois dessa fase eles estavam livres para ver os *Cuëdênquido*. Mas ainda, eles não estavam autorizados a chegar sozinhos no local de concentração, mas sempre acompanhados pelos antigos reconhecidos. Segundo os velhos dizem, depois de trazidos os jovens, não podiam ir sozinhos no local de concentração, porque eles veriam uma pessoa careca ou sem cabeça. Por ter visto essa assombração horrorosa ele adoeceria e morreria, porque eles ainda são jovens. Por isso, eles tinham que ir sempre com os mais velhos.

Para ver os *Cuëdênquido* livremente todos precisavam passar a fase de transformação física e de reconhecimento. Não importava se ele era adulto ou até velho, mesmo sendo velho precisavam passar essa fase. Porque ele ainda não é reconhecido publicamente pelos *Cuëdênquido*, por isso ele estava proibido de ver os *Cuëdênquido* sem a capa. Só se fosse muito velho, porque ele não pode suportar o frio, fome e as provas como os jovens.

Também os jovens eram levados à força. As mães tentavam esconder os filhos, mas os *Cuëdênquido* procuravam em todo canto da maloca. As mães choravam quando levavam os filhos porque elas sabiam que os filhos sofreriam muito, até maus tratos.

3.0 Trazida de jovens depois do reconhecimento.

Depois de ter passado muitos sofrimentos e testes para se tornarem homens corajosos, finalmente os jovens eram trazidos para suas mães. Magros, famintos e com muitas cicatrizes no corpo. Quando os pais achavam o *comoc* bom, depois de muita procura, os *Cuëdënquido* traziam de volta os jovens. Antes de entregar definitivamente para suas famílias desfilavam na maloca toda, amarrados um atrás do outro com pedaços de envira de *comoc*. Depois faziam correr um por um dentro da maloca amarrado na cintura com a envira comprida de *comoc*.

O *Cuëdënquido* ficava fora da maloca segurando a ponta de envira em que estava amarrado o jovem, depois puxava de volta para fora. Daí mesmo ele era levado de volta para o mato. Era uma passagem rápida, menos de três minutos. Depois disso, no mesmo dia às doze horas da noite anunciavam a chegada dos jovens com a voz estrondosa: “*Noshmaaannn, noshmaaannn padueec*”⁸, o anúncio vinha do alto da árvore grande, depois de alguns segundos de anúncio vinham zoadas de pisadas de pés.

As mulheres corriam para segurar a porta para eles não entrarem. E os homens chegavam caindo do lado da porta um em cima do outro, pareciam mortos, caíam desacordados. Eram todos, os pais e os filhos menos as mulheres que seguravam a porta.

Quando todo mundo terminava de chegar, as mulheres saíam para pegar os maridos e os filhos e deixavam na sala da maloca. Depois de alguns minutos os *Cuëdënquido* vinham abanar para acordar. Depois de acordar somente os antigos ficavam na maloca, no caso os adultos, e os novos reconhecidos ou os que estavam na fase de reconhecimento eram levados de volta para casa de concentração, para ficarem juntos.

Eles não tinham tempo, nem para comer e ficar com a família, também não dormia bem, dormiam muito maus e os *Cuëdënquido* vinham na madrugada para buscar. Isso era para eles se acostumarem e conhecerem bem os *Cuëdënquido* ou para ser reconhecido por todos os *Cuëdënquido*.

Depois de algum tempo eles estavam totalmente livres e independentes, não precisavam mais da companhia dos mais velhos para ir à casa de concentração.

⁸*Padueec*- Na língua dos *cuëdënquido* marchar.

3.1 A inversão da festa *Matses* e os *Cuédênquido*.

Matses e os *Cuëdênquido* invertiam a festa. Sempre toda noite os *Matses*

iam à casa dos *Cuëdênquido* para cantar e os *Cuëdênquido* na casa dos *Matses*, também para cantar. Por isso, os *Matses* sempre voltavam mais cedo do trabalho, para receber os *Cuëdênquido* em casa depois sair para ir a casa deles. Num piscar de olhos eles já estavam na casa dos *Cuëdênquido*, cantavam, brincavam com as mulheres dos *Cuëdênquido*.

Lá era igual aqui na terra, também tinham maloca e casa de concentrações e outras malocas para dormir mesmo onde os *Matses* cantavam. Construídas pelos *Cuëdênquido* para os *Matses* concentrarem e reunir antes de entrar na maloca para cantar. Os *Matses* também não mostravam as suas caras para as mulheres dos *Cuëdênquido*.

Os *Cuëdênquido* também faziam as capas para os *Matses*, como os *Matses* faziam para eles. As capas que os *Cuëdênquido* faziam os *Matses* chamavam de *bucudi*⁹ os que *Matses* faziam os *Cuëdênquido* chamavam de *shauadi*¹⁰, que nós chamamos de *comoc*.

Todas as noites os *Matses* iam para casa dos *Cuëdênquido*, lá também as mulheres dos *Cuëdênquido* acompanhavam na cantoria, também repetindo o que os *Matses* diziam. Depois de cantar eles passavam a bagunçar com as mulheres dos *Cuëdênquido* falando mal delas.

Depois disso, para terminar e para eles voltarem para sua maloca, as mulheres dos *Cuëdênquido* jogavam a lenha acesa na cabeça deles e eles saiam correndo todos juntos, quando eles entravam na maloca caíam desacordados. Alguns minutos depois os *Cuëdênquido* vinham acordar.

Esse fogo, os *Cuëdênquido* chamavam de fogo de macaco prego. Os *Matses* chegavam com um pedaço de brasa acesa grudado no cabelo, quando

⁹Bucudi- uma árvore que só tem na terra dos *Cuëdênquido* tipo o *comoc* que nós temos na terra.

¹⁰ Shauadi na língua dos *Cuëdênquido* mesmo que é *comoc*.

eles entravam na maloca esse fogo se a apagava e eles caíam desacordados, desmaiavam quando entravam na maloca.

Quando a festa dos *Cuëdênquido* terminava na maloca dos *Matses*, às duas horas da madrugada, a festa dos *Matses* também terminava na casa dos *Cuëdênquido* na mesma hora. No dia seguinte eles não lembravam absolutamente nada o que tinha acontecido com eles, também não tinham a marca de queimada nos cabelos deles. Isso era porque os *Cuëdênquido* tinham os poderes hipnóticos ou mágicos, por isso, que eles não se lembravam de nada.

Aqui na terra os *Cuëdênquido* traziam a caça para os *Matses*, porque as mulheres pediam, depois de acompanhar na cantoria, em troca elas pediam o animal que queriam comer e eles atendiam ao pedido sem falta, elas pediam para o *noshman* do seu irmão ou do marido. E os *Matses*, por sua vez, não faziam nada para as mulheres *Cuëdênquido*, porque elas e eles não podiam comer o bicho da terra, por isso, elas não pediam para os *Matses* trazer algum bicho.

A festa era invertida. Os *Matses* se divertiam no outro mundo totalmente desconhecido com seres também desconhecidos pela humanidade. E por sua vez os *Cuëdênquido* divertiam com as mulheres *Matses*.

Por isso, que os *Matses* contam essa festa com muito orgulho e alegria, mas ao mesmo tempo eles lembram a maldade que os *Cuëdênquido* faziam com eles. Mas quando os *Matses* queriam ir à casa dos *Cuëdênquido* durante o dia ou qualquer momento eles iam. Mesmo assim eles não têm a explicação concreta sobre esse truque de passar da terra para outro mundo, na terra dos *Cuëdênquido*.

4.0 Seres ou espíritos do comoc, com outros deveres.

4.1 Mapidequid ou Aquequid¹¹.

Desenho: professor Gonçalo borges carvalho Mayuruna



Aquequid vindo para a maloca na ausência dos para a maloca assustar as crianças e as mulheres.

*Mapidequid*¹² era outro grupo de seres que também vinham do *comoc*. Eles tinham cabeça comprida e usavam a capa até o pescoço, só cobriam o corpo. Sempre andavam abaixados, com seu jeito estranho andavam assustando as crianças. Mesmo assim tentavam defender os jovens respeitando a soberania de cada ser.

¹¹Aquequid- o nome que os *Matses* davam para o Mapidequid por causa do ruído que ele fazia para assustar as crianças.

¹²Mapidequid- outro nome que os *Matses* davam para ele, por causa do jeito que eles andavam abaixados, ou cabeça grande.

Quando os *Cuëdënquido* maltratavam, viam o sofrimento dos jovens porque ele era de lá, ele chamavam os jovens *Matses* de *baba*¹³ e ele contavam tudo que seu neto estavam enfrentando. Eles não cantavam como os *Cuëdënquido* e também não traziam a caça para as mulheres.

Na sua vinda o sinal que eles davam também era de outro jeito, diferente do batida dos *Cuëdënquido* para as mulheres e crianças identificarem quem está chegando. Quando eles queriam assustar as mulheres dentro da maloca, só bastava as mulheres dizerem que estavam assando o poraquê¹⁴, que eles caíam desmaiados, porque o cheiro do poraquê era muito forte. Mas, não ficavam desmaiado na maloca daí mesmo ele desaparecia só ficavam a capa.

Quando as crianças matavam um pássaro qualquer, eles reclamavam dizendo, quem tinha roubado sua agulha e pediam para devolver para ele. Também quando matava o rato eles reclamavam dizendo quem tinha matado seu cachorro.

Eles só vinham chamados, quando as crianças não ouviam o que eles falavam para não tomar banho e elas ficavam brincando e gritando, os velhos saíam para chamar o *Mapidequid* para assustar as crianças, e eles vinham. Não era todo mundo que chamava os *Mapidequid*, chamavam só quem conheciam eles, não chamavam pessoalmente.

Só acertavam a casa deles com um pedaço de barro que eles já sabiam por que tinham batido na sua casa. Só quando chamados eles vinham em bando ou em grupo grande, mas por conta própria eles vinham de vez em quando, somente um.

Havia apenas três pessoas quem chamavam o *Mapidequid*, essas pessoas que chamavam os *Mapidequid* eram chamadas de *icbo*¹⁵ pelos *Matses*

Eles não vinham todo dia como os *Cuëdënquido*, mas de vez em quando eles vinham para assustar as crianças e as mulheres com seu andar abaixado e ruídos assustador, *Áááááaaa*. Por isso, eles foram chamados de *Aquequid*, eles eram muito perigosos. Eles eram muito engraçados, se as crianças ou as mulheres rissem deles adoeceriam e morreriam. Por isso, as mulheres

¹³ Baba neto tanto na língua dos *Cuëdënquido* quanto na língua dos *Matses*.

¹⁴ Espécie de peixe que descarrega choque elétrico para se defender e se alimentar de algum tipo de frutos.

¹⁵ Icbo: dono, amigo. Nesse texto o icbo é pessoa que conhece.

tratavam bem, com muito carinho e respeito e consideração, elas o chamavam de sogro.

Mesmo assim na ausência dos homens eles vinham para assustar as mulheres e crianças, e ficavam andando dentro da maloca e cuspidando no salão da maloca. Para ele parar de cuspir elas pediam para parar: “meu sogro, para de cuspir porque seu xará anda aí”. Com esse pedido ele parava e ia embora.

Os *Matses* os chamavam de *Mapidequid* ou *Aquequid*, mas eles mesmos se chamavam de *Mabu*¹⁶. Quando eles vinham para reclamar das mulheres, eles diziam: “você falaram que se eu chegasse tocaria o fogo no cabelo então estou aqui vem tocar o fogo no meu cabelo” e as mulheres respondiam: “meu sogro é mentira, nós não falamos assim do senhor”.

Eles andavam em grupos e até de um.

Eles não vinham só para assustar, vinham também informar para as mães dos jovens como os seus filhos estavam nas mãos dos *Cuédênquido*. E para conversar com as mulheres. Eles não conversavam com as mulheres olhando para elas. Os *Mapidequid* ficavam na sala onde os *Cuédênquido* cantavam e as mulheres ficavam nos quartos só confirmando a fala deles. As mulheres nunca chegavam perto deles porque eles eram muito esquisitos, estranhos e assustador.

¹⁶*Mabu*- assim que eles se chamavam, *mabu* era o nome do povo dele.

4.2 – os Mayu, outro povo.



O mayu vindo para a maloca para assustar as mulheres carregando seus machados dourados.

O *Mayu*¹⁷ também era outro grupo de *Cuëdênquido*, mas a língua deles ninguém entendia, por isso que os *Matses* chamavam de *Mayu*. Eles eram o grupo mais violento de todos, carregavam o machado e também tinham os mesmos poderes de *Cuëdênquido* e *Mapidequid*.

Mas, eles não cantavam como os *Cuëdênquido* nem traziam a caça, também só vinham quando chamados como os *Mapidequid*. Quando as

¹⁷Mayu – na língua matses, significa outro povo ou etnia, independentemente o tronco linguístico.

mulheres não faziam o que o marido pedia, um homem saia para chamar os *Mayu* e chamavam do mesmo jeito que chamavam os *Mapidequid*, acertavam a casa deles com pedaços de barro e eles compreendiam porque tinham acertado a sua casa e quem foi.

Então eles vinham carregando seus machados dourados. Gente que encontravam no caminho, eles batiam violentamente até desmaiar, depois amarravam com pedaço de envira de comoc, braços e as pernas junto com um pedaço de pau e jogavam no igarapé, mas depois de algumas horas eles mesmos vinham, desamarravam e acordavam a pessoa.

Antes deles chegarem à maloca os *Cuëdênquido* alertavam as mulheres: “*punte*, os *ismiado*¹⁸ estão chegando” e as mulheres pediam para os *Cuëdênquido* não deixarem eles entrarem e pegarem a capa: “não deixem eles pegarem o *comoc*”. E os *Cuëdênquido* atendiam as mulheres, não deixavam pegar a capa e ficavam na porta da maloca para não deixar eles entrarem. Com isso os *Mayu* voltavam daí mesmo para suas casas.

Quando eles conseguiam entrar na maloca queriam bater nas mulheres e desarrumavam a maloca, derrubavam o listão¹⁹ de armar as redes, furavam a maloca com as suas varas compridas. Faziam o estrago total na maloca, com isso os homens diziam: “se fosse gente me dava raiva, mas não tenho como reclamar”. Também não eram todos que chamavam os *Mayu*, somente algumas pessoas que conheciam eles.

Os *Mayu* eram os únicos que não vinham sem ser chamados porque eles eram muito violentos e também nunca conversavam com ninguém, nem com os homens. Porque com os *Matses* não se entendiam linguisticamente, por isso, que ele foi chamado de *Mayu*. Somente vinham de dia. Os velhos não sabem o que teria acontecido se eles viessem de noite talvez tivesse acontecido alguma tragédia.

Uedede

Desenho: professor Gonçalo Borges Carvalho Mayuruna

¹⁸ Ismiado: na língua dos *cuëdênquido* mesmo que *mayu*.

¹⁹ O listão. pedaço de madeira para colocar na cobertura da casa ou mesma coisa que caibro.



Uedede tirando a banana verdinho para trazer na maloca para se sentir o homem melhor

Os *Uedede*²⁰ era outro grupo que também vinha do *comoc*. Eles eram os mais bonzinhos de todos, não assustavam crianças e mulheres, eles só vinham para visitar. Mas também eles só vinham quando chamados, eles não cantavam e nem vinham todo dia. Vinham de vez em quando. Também não caçavam como os *Cuédênquido*.

Quando eles estavam chegando davam a batida, que era o sinal diferente dos *Cuédênquido* e dos *Mapidequid* ou *Mabu*. Com essa batida as mulheres já sabiam quem estavam chegando. Eles não reclamavam sobre a

²⁰Uedede- na língua *Matses* seria como chamar a pessoa maluca ou incapaz.

capa para entrar na maloca: vestiam a capa velha, não reclamavam porque a capa não era feita para eles, mas para os *Cuëdênquido*.

Eles foram chamados de *Uedede* porque eles eram muito engraçado se confundiam com os bichos. Eles pareciam que não sabiam o que era aquilo. Quando eles viam alguma coisa no caminho diziam: “eu vi alguma coisa pintada com a lista não sei o que era aquilo”. As mulheres pediam para buscar para ver o que era, e ele voltava para pegar. Depois de alguns minutos ele vinha com um jabuti nas costas e diziam “olha só que eu trouxe, os caras com os quais vocês cantam nunca trazem o que eu trouxe”. Os caras que eles diziam eram os *Cuëdênquido*. Quando eles achavam ou traziam alguma coisa eles se sentiam os melhores homens de todos, chamavam os *Cuëdênquido* de preguiçosos e vagabundos.

Toda vez que ele achava algumas coisas, o bicho que os *Matses* tinham matado e deixado no meio do caminho para pegar de volta, ou uma fruta da roça, como a banana ele ficava muito feliz, para ele era uma coisa que ninguém conseguia pegar que só ele tinha conseguido capturar. Por isso, que ele foi chamado de *Uedede*, com seu jeito de maluco.

O *Uedede* gostava muito de conversar com as mulheres, contando o que ele fazia na sua terra. Eles eram muito safados gostavam de pegar a mulher dos *Cuëdênquido*. Quando ele via os *Cuëdênquido* cantando ele dizia: “a mulher desse cara gosta muito de mim eu vou lá com ela”. Ele pedia para as mulheres *Matses* pedir para o *Cuëdênquido* cantar mais enquanto ele ia namorar com a mulher do cara.

5.1- Os *Masquë*.

Desenho: professor Gonçalo Borges Carvalho Mayuruna



Os *masquë* chegando para cantar com suas palavra maldita.

Os *Masquë*²¹ também vinham do *comoc*, eram outro grupo de seres, eles eram baixinhos e não vinham em grupos como os *Cuëdênquido* e nem cantavam nem traziam a preguiça, por isso, eles não eram bem vindos. Principalmente para as mulheres porque eles cantavam com as palavras prejudiciais à saúde para as mulheres, as mulheres não podiam ouvir o canto deles.

Quando ele cantava as mulheres fechavam os ouvidos para não ouvir, se elas ouvissem o canto deles causaria uma hemorragia vaginal com muito sangramento e mortal, incurável com a medicina tradicional.

Mas, mesmo assim ele vinha cantar suas palavras malditas, porque ninguém era impedido por ninguém de entrar. Ele não chegava até no meio da maloca, entrava só até a porta, daí mesmo cantava e voltava. Antes de entrar na maloca ele vestia qualquer capa que encontrava no depósito de capas. Também ele não tinha o seu *noshman* que faziam a sua capa, porque ele não vinha todo dia, mas de vez enquanto ele vinha. Também ele não vinha de dia, como os outros, nem assustava as crianças e mulheres como os

²¹Masquë – na língua dos matses, baixinho.

Mapidequid, somente vinham à noite. Mas, eles tinham os mesmos poderes sobrenaturais que os outros possuíam.

5.2- Dataniadquid

Desenho: professor Gonçalo Borges Carvalho Mayuruna



Dataniadquid vindo para a maloca

Os *Dataniad-quid* era outro grupo de *Cuëdênquido*. Eles eram seres muito estranhos, não mostravam nenhuma parte do seu corpo, eles vinham todo enrolados com a envira de *comoc*. Até mesmo para os homens eles não mostravam o seu rosto. Ele vinham pouquíssimas vezes, cantava, mas não trazia a preguiça pois não caçava. Também as mulheres não o acompanhavam na cantoria dele. Porque ele era um monstro ninguém chegava perto dele. Ele possuía um rabo enorme, com seu rabo ele não deixava ninguém chegar perto dele, os cachorros que latiam ele batiam com seu rabo comprido.

Também, os *Matses* não compreendiam a língua dele e não faziam a capa para ele, porque ele não usava.

Os velhos que entrevistei sobre o *Dataniad-quid* não têm a explicação concreta, se ele realmente possuía o rabo ou era apenas a fantasia, também encontrei pouquíssimas informações sobre o *dataniadquid*.

6.0 Ultimo desaparecimento dos *Cuëdënquido* depois do contato com os brancos.

Depois do contato com os brancos os *Matses* ainda continuavam chamando os *Cuëdënquido*. Tanto os *Matses* do Brasil como lado Peru. No Brasil as pessoas que lideraram chamando os *Cuëdënquido* foram José *Tumi*, mais conhecido como *Cashishpi*, *Tumi* mais conhecido como *Bacuë Chëshë* atualmente como *Tsësio Chëshë* e *Manquid*, mais conhecido como *Casi Cabudac* que já faleceu em dois mil no município de Colônia *Angamos* no Peru. Essas pessoas foram muito importantes, liderando o seu povo tanto na organização da festa dos *Cuëdënquido* e organização social.

Muitas pessoas que eram jovens naquela época, mais o menos na década de 80 contam como era. E os *Matses* do lado Peru faziam a mesma coisa, chamavam os *Cuëdënquido* só para comer bicho preguiça e também para ajudar no desenvolvimento de jovens para se tornarem rapazes mais fortes.

Entre os *Matses* do Peru já existiam as missionárias norte americanas que catequizaram esses parentes. Atualmente elas já se foram para sua terra. Elas são pessoas estranhas até hoje, nós principalmente os *Matses* do Brasil ficamos com muita dúvida que tipo de gente e missionárias elas eram, se apresentavam como missionárias, mas elas tinham os poderes muito duvidosos quase os mesmo poderes dos *Cuëdënquido*.

Por causa delas morreu muita gente, mas elas negavam que não eram elas que tinham feito isso, mesmo desconfiando delas com esse choque os *Matses* continuavam com elas até dois mil e cinco.

Essa missionária, tirou até foto o *Cuëdënquido* trazendo a preguiça, depois ela disse que não era o espírito, era os próprios *Matses* que tinham

coberto o rosto com a capa de envira de árvore *comoc* para disfarçar, para não ser reconhecido.

Mas, ela interpretou erradamente. Não eram os *Matses*, se fossem os *Matses* não teriam os homens baixinhos, com rabo, cabeças compridas, falando a língua diferente e tantas gentes diferentes e estranhas e outros trazendo os bichos vivos. Mas dava para duvidar porque a voz era igual e altura eram a mesma daquelas pessoas, mas se fosse o próprio *Matses* as mulheres teriam reconhecido.

Mais ou menos na década de 80, depois do contato com os não-índios os *Matses* do Peru organizaram a festa com os espíritos o *Cuëdênquido* pela última vez, quando foi visto por uma mulher, que era proibido.

Depois que eles organizaram a festa durou mais o menos um mês, cantando e trazendo a preguiça normalmente. No outro dia eles saíram para preparar a capa de envira de *comoc* para os *Cuëdênquido*. Uma pessoa levou a sua mulher onde os outros estavam tecendo a capa e os *Cuëdênquido* também estavam no local sem a capa, esperando os noshman deles terminarem de tecer a capa e saírem juntos para irem até a maloca.

Entre os homens os *Cuëdênquido* não precisavam de capa para cobrir, ficava a vontade sem a interferência feminina. Nesse momento que a mulher chegou com seu marido e viu, quando os *Cuëdênquido* viram a mulher, ficaram espantados. Não só os *Cuëdênquido*, mas também os próprios *Matses* ficaram do mesmo do jeito, porque sabiam que os *Cuëdênquido* iam agir muito mal e aconteceu exatamente isso. Os *Cuëdênquido* castigaram todo mundo, o casal que levou a sua esposa levou o pior castigo. Bateram violentamente nela e amarraram seus braços e as pernas e encheram a boca com o barro, no marido e da mulher. Fizeram tudo que tinham direito porque eles estavam com muita raiva.

Deste então os *Cuëdênquido* ficaram com muita raiva e com o comportamento diferente e com muito ódio. Sempre agindo violentos. Depois que a mulher viu cantou mais ou menos um mês. Aí foi o fim, os *Matses* pararam de fazer a capa de árvore *comoc* porque cada dia aumentava a raiva e

agiam mais violentos. Principalmente os homens eles tratavam muito mal por isso foi o fim dos *Cuëdënquido isbanaid*²².

A árvore *comoc* é o principal atrativo de *Cuëdënquido*. Não só dos *Cuëdënquido*, mas também os outros seres que já citei. Quando os *Matses* pararam de mexer e fazer a capa dessa árvore, depois desse problema ou choque os *Cuëdënquido* também pararam de vim ou aparecer.

Deste então nunca mais foram chamado os *Cuëdënquido*. Porque eles ficaram muito assustados com a reação dos *Cuëdënquido* e todo mundo ficou com medo, então foi o fim dos *Cuëdënquido*. Por isso que hoje em dia não é mais realizado esse ritual de espíritos cantadores, caçadores, assustadores e feiticeiros. Falei essas palavras porque isso que eles faziam. Também eles eram os seres extraordinários.

Eles eram seres muito respeitados pelos *Matses*, o que eles ordenavam era tudo obedecido pelos *Matses* devidos a seus poderes sobrenaturais.

Depois daquele choque nunca mais foi visto os *Cuëdënquido*, também nunca tentaram chamar porque eles acham que os *Cuëdënquido* se tornaram muito perigosos depois de serem vistos por uma mulher. Se hoje em dia nós os chamássemos, poderia acontecer uma tragédia de muita morte, os *Cuëdënquido* ainda e até hoje estão com muita raiva de nós.

Hoje em dia a árvore *comoc* que era o principal atrativo dos *Cuëdënquido* é muito respeitada e sagrada. Essa árvore é misteriosa, os próprios, os velhos não têm a explicação concreta sobre o *comoc*. Hoje em dia nós não mexemos essa árvore, porque quando alguém tira a envira dela sempre acontece algo estranho com as pessoas que fazem isso, ou com alguém da família, tendo a alucinação ou visagem durante a noite, e também essa pessoa fica inconsciente como se a mente dele estivesse sendo controlada por esses espíritos ou todo o corpo, não ouve que os outros falam. Também ele fica querendo correr para o mato, não parece à mesma pessoa ele ou ela fica completamente descontrolado. Quando ele consegue escapar dos seguradores ele foge e desaparece na escuridão da noite. Isso também é mistério ninguém sabe como ele consegue correr no escuro sem cair, ninguém

²² - encontro, ir atrás.

se sabe por onde ele anda, mas quando ele volta a ter consciência ele volta para casa.

Quando a pessoa consegue fugir ela vê muita coisa, como se fossem em um sonho, veem todos parentes que já se foram. São eles que protegem dos espíritos maus também eles que manda ele de volta para casa. Quando ele volta para casa conta tudo o que aconteceu com ele com muita consciência.

Os *Cuëdënquido* eram os seres que eram atraídos pela árvore com eles eram seres totalmente invisíveis e visíveis só quando eles queriam. Segundo os velhos contam, os *Cuëdënquido* eram os espírito das pessoas que morreram, também contam que até os recém-nascidos mortos e abortados vinham. Esses pequenos *Cuëdënquido* se identificavam diziam seu nome e como, de que ele tinha morrido da terra.

Os *Cuëdënquido* falavam uma língua totalmente diferente dos *Matses*. Uma língua pano. Os nomes dos bichos, por exemplo, eram diferentes dos nossos: *punte* era mulher, *noshman* irmão, *ushtudcudu* preguiça, *modishque* jacaré, *mëndi-mëndi* jabuti, *icocho* poraquê, *mauëcquedote* cabeça... O exemplo dessas palavras na nossa língua é *chido*, *cunutsi*, *shuinte*, *cachito*, *piush*, *tanete*, *mapi*. Os *Matses* entendiam a língua deles porque eles conviviam todo dia.

Acredito que sendo os espíritos das gentes mortas eles não se mostravam para as mulheres para não serem reconhecidos. Para os homens eles se mostravam mas eles nunca contavam que eram gentes mortas. Somente contam que os *Cuëdënquido* eram todos negros. Mas eles contam que tinham outro *Cuëdënquido* chamado *noshman-paite* que eram parecidos com os *Matses*, com seu *noshman*.

Neste texto citei mais o nome *Cuëdënquido*, menos os outros nomes, porque assim que eles são conhecidos pelos *Matses*, que é principal personagem dessa história.

Conclusão

Assim os Matses faziam a festa com os espíritos cantadores (*Cuëdênquido*) tudo que eu contei parece um mito ou uma lenda, mas não, é tudo realidade, realmente os nossos velhos tiveram essa experiência de chamar os espíritos cantadores, para ajudar nas caçadas. Já citei o que os *Cuëdênquido* caçavam.

Agradeço muito todas as pessoas que me repassou essa história e os que me motivaram, fico muito feliz por ter vivido e por ter conversado ainda vivos com os conhecedores dessa história.

O projeto PIRAYAWARA me deu essa oportunidade de realizar o meu sonho, deste a minha infância, quando ouvia essa história sempre pensei em escrever a história. Com essa história aprendi muita coisa, que eu não acreditava os que os velhos contavam, foi uma aprendizagem inesquecível da minha vida.

Com esta pesquisa realizada será divulgado para o povo *Matses* para que possa ser conhecido por outros povos e fazer parte dos arquivos das biblioteca do povo indígena.

